

Portugal – Propostas para o Futuro



© belobos

23 de maio

Investimento para competir na Globalização André Jordan, Carlos Brazão e Pedro Lima · Moderador: Fernando Bello

6 de junho

Que fazer com os Fundos Estruturais no período de 2014/2020? João Ferrão, Elisa Ferreira e José Mariano Gago · Moderador: José Manuel Félix Ribeiro

20 de junho

Infraestruturas de ligação internacional Carlos Matias Ramos e Luís Valente de Oliveira · Moderador: João Ferreira do Amaral

4 de julho

Crescimento e dívida externa – interações José Amaral e Daniel Bessa · Moderador: João Salgueiro

11 de julho

A Europa e o Atlântico no futuro de Portugal Miguel Monjardino e Vital Moreira · Moderador: Francisco Seixas da Costa

Debater o futuro de Portugal – como, aliás, o de qualquer outro país – é hoje um exercício inevitavelmente afetado por grandes incertezas.

Porém, se se pretender que do debate surjam ideias que possam guiar o País para um caminho de progresso, é importante admitir à discussão certos temas que terão de ser objeto de reflexão prioritária, em qualquer cenário plausível.

Na base está a competitividade da economia. É hoje quase um truísmo dizer que as nossas dificuldades não são apenas financeiras mas que radicam na falta de competitividade da nossa economia, que se inseriu mal na globalização e que, para poder encontrar um novo rumo no mercado global, tem que se tornar de novo atrativa para o investimento produtivo.

A atração do investimento necessário para tornar a nossa economia competitiva é, por essa razão, objeto de um dos debates deste ciclo. O papel que os fundos estruturais poderão representar nesse aumento do investimento e na melhoria da sua qualidade será um segundo tema de debate.

Mas não é só o investimento diretamente produtivo que é necessário. Também faz falta uma orientação adequada do investimento em infraestruturas que será, também ele, importante para a competitividade geral da nossa economia. Tal tema será objeto de uma terceira sessão.

As restrições financeiras que impendem sobre a economia, particularmente as que decorrem do elevado nível da nossa dívida externa, constituem, no entanto, um fator condicionante importante do crescimento económico e em particular do investimento. Daí que se preveja uma sessão destinada à discussão das interações entre crescimento e dívida externa.

Finalmente, a dupla inserção do nosso País na Europa e no Atlântico, numa altura em que as relações económicas entre a União Europeia e os EUA iniciam um novo rumo, poderá constituir um trunfo importante para conseguirmos uma melhor inserção no mercado global. Será o tema da última sessão.

Afinal, o que está aqui em causa é refletir sobre caminhos realistas e esperançosos para o nosso País.

A Culturgest agradece ao grupo de pessoas que concebeu este ciclo e a todos os oradores que prontamente, e com grande generosidade, acederam a colaborar connosco.

Crescimento e dívida externa – interações

Crescimento e dívida pública

José Amaral

A dívida pública

- Porque aumenta a dívida?
- Onde estamos, para onde vamos?
- Que fazer?

O contexto europeu

- A “Segunda Europa”
- As fracturas
- As instituições
- O tempo político (o ano de 2017)

O contexto interno

- “O mesmo que Portugal até aqui era, já ele não pode ser” (o novo quadro pós troika)
- “O tempo passado e o tempo presente estão ambos contidos no tempo futuro” (mudar o modelo, mudar de vida)
- “Se há praia em nós, ondas virão” (como crescer?)

José Pena Amaral nasceu a 29 de novembro de 1955, de naturalidade portuguesa. Licenciatura em Economia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (1978). Membro da Comissão Executiva do Conselho de Administração do Banco BPI (1998-); administrador não executivo do Banco de Fomento Angola (2004-); vice-presidente do Conselho de Administração da Casa da Música (2013-);

CONFERÊNCIAS SEXTAS-FEIRAS DE 23 DE MAIO A 11 DE JULHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

membro do Conselho Consultivo do Lisbon MBA (2009-).

Membro do Conselho Económico do Presidente da República (2001-2005); Administrador da BPI SGPS (1998-2002); Consultor da Casa Civil do Presidente da República para os Assuntos Europeus (1986-1996); Chefe do Gabinete do Ministro das Finanças e do Plano; membro permanente da delegação ministerial portuguesa nas negociações para a adesão de Portugal às Comunidades Europeias (1983-1985); Chefe da delegação da ANOP em Bruxelas (1980-1982); jornalista profissional do Diário de Notícias (1975-1980).

Daniel Bessa é natural do Porto, onde nasceu, a 6 de maio de 1948. Licenciado em Economia (Universidade do Porto, 1970) e doutorado em Economia (Universidade Técnica de Lisboa, 1986). É diretor-geral de COTEC Portugal – Associação Empresarial para a Inovação (desde junho de 2009).

É presidente dos Conselhos Fiscais da Galp Energia, da Sonae, SGPS e de Bial – Portela e Companhia. É presidente do Gabinete de Estudos da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas; membro do Comité de Investimentos de PVCI – Portuguese Venture Capital Initiative, entidade criada no âmbito do “Grupo Banco Europeu de Investimento”; vogal do Conselho de Administração da Fundação Bial. Foi docente da Universidade do Porto (1970-2009) e presidente da Direção da EGP – Escola de Gestão do Porto e da EGP – University of Porto Business School (2000-2009). Foi administrador do Finibanco e administrador não executivo da Efacec, da AICEP, da Celbi e da INPARSA; vogal do Conselho Geral e de Supervisão do BCP; presidente do Conselho Fiscal de SPGM – Sociedade de Investimento. Foi presidente do Conselho Consultivo do Instituto de Gestão de Fundos de Capitalização da Segurança Social. É economista em regime de profissão liberal, desde 1983. Intervenção regular em conferências e seminários, e na comunicação social portuguesa.

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO
